

**AJES-INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO
JURUENA
CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA**

**ESTUDO DE CASO: DESENVOLVIMENTO DO CAPITAL
SOCIAL EM COOPERATIVA DE CRÉDITO**

RICARDO ALEXANDRE BENEDITO DE LIMA

**JUINA/MT
JUNHO/2012**

**AJES-INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO
JURUENA
CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA**

**ESTUDO DE CASO: DESENVOLVIMENTO DO CAPITAL
SOCIAL EM COOPERATIVA DE CRÉDITO**

RICARDO ALEXANDRE BENEDITO DE LIMA
Orientador: Prof. Me. João Luiz Derkoski

*“Trabalho de Graduação Individual
apresentado como requisito para
obtenção do título de licenciado em
matemática.”*

**JUINA/MT
JUNHO/2012**

**AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO
JURUENA
LICENCIATURA EM MATEMÁTICA**

BANCA EXAMINADORA

Profº Me. Luciano Osmar Menezes

Profº Esp. Adilson Leite Lira

ORIENTADOR
Profº. Me. João Luiz Derkoski

Dedico a minha família e ao meu orientador por todo o auxílio e ajuda que me deram durante todo o processo da monografia.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho monográfico é algo que devo agradecer a várias pessoas, que de uma forma ou outra contribuíram para a realização do mesmo.

Primeiramente quero agradecer a Deus, pois sem a sua vontade e sua força nada seria possível.

Ao meu orientador Profº. Me. João Luiz Derkoski que ajudou na realização deste importante trabalho.

A todos da minha família pela força que me deram durante o processo todo.

“Ensinar não é transferir conhecimento,
mas criar as possibilidades para a sua
própria produção”.

(Paulo Freire)

RESUMO

O sistema cooperativo ocupa na atualidade mundial e brasileira lugar de destaque nas suas sustentabilidades econômicas e sociais. Em seu seio as cooperativas de crédito foram criadas por empregados, profissionais liberais, produtores rurais e outros setores da sociedade organizada, têm como objetivo buscar pela autogestão do crédito seu próprio desenvolvimento. As organizações cooperativas por ideologia de seus pioneiros traz através de seus princípios busca de valores morais, educação, bem estar econômico e social. É neste contexto que o presente TCC, Trabalho de Conclusão de Curso, vem apresentar a importância do capital social para os cooperadores e para a Cooperativa. A eles como donos do seu próprio empreendimento permitindo-lhes o usufruto dos produtos e serviços oferecidos pela entidade e a ela pelo desenvolvimento que esta relação honesta traz através de sua eficiência, eficácia e efetividade. Diante disso este trabalho procurou identificar a importância da capitalização dos cooperados da Cooperativa de Crédito Sicredi Univales, Juína-MT como fator contribuinte para o seu desenvolvimento.

Palavras-chave: Cooperativismo. Capital Social. Associado.

LISTA DE FIGURAS

Tabela A – Inflação Histórica IPCA.....	20
Quadro 1 – Evolução do número de sócios da Cooperativa de Crédito Sicredi Univales.....	24
Gráfico 1 – Números de Associados Sicredi Univales.....	25
Quadro 2 – Relação de Associados, Capital Social, Sobras e Perdas.....	26
Gráfico 2 – Evolução Percentual de Associados Sicredi Univales.....	27
Quadro 3 – Associados e Baixas de Associados na Cooperativa e seu Crescimento em relação a elas.....	28
Gráfico 3 - Evolução do Resultado Sicredi Univales	29
Quadro 4 - Evolução do Capital Social Sicredi Univales.....	30
Gráfico 4 - Evolução do Capital Social Sicredi Univales	30
Quadro 5 - Evolução do Capital Social/Número de associados	31
Gráfico 5 - Evolução do Capital Social/ Número de Associados	32
Quadro 6 – Evolução da Sobras /Número de associados	33
Gráfico 6 - Evolução da Sobras / Número de Associados	34
Quadro 7 – Evolução do Capital /Número de associados	35
Gráfico 7 - Evolução do Capital Social / Número de Associados	36

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1.1 Problema da pesquisa.....	10
1.2 Hipótese da pesquisa.....	10
1.3 Objetivos.....	11
1.3.1 Objetivo Geral.....	11
1.3.2 Objetivos Específicos.....	11
1.4 Delimitação da pesquisa.....	11
Capítulo I: COOPERATIVISMO.....	12
1.1 História do cooperativismo.....	12
1.2 Contexto histórico do cooperativismo no Brasil.....	14
1.3 Cooperativismo em Juína.....	15
1.3.1 Sicredi Univales.....	15
Capítulo II: CAPITAL SOCIAL.....	17
2.1 Definição e aplicação.....	17
2.2 Capital social em cooperativas.....	17
Capítulo III: NÚMEROS ÍNDICES, INFLAÇÃO E DEFLAÇÃO.....	19
4. METODOLOGIA.....	22
5. ANÁLISES E RESULTADOS.....	24
6. CONCLUSÃO.....	37
REFERÊNCIAS.....	39

INTRODUÇÃO

O mercado vem modificando o cenário das cooperativas, fazendo com que se transformem em organizações melhor estruturadas e com capacidade de produção de bens e serviços cada vez maior.

Diante das dificuldades financeiras, crises sociais e ambientais, em um cenário econômico turbulento e recheado de incertezas as instituições financeiras retraem suas carteiras e aumentam suas taxas de juros, trazendo ao meio empresarial a incerteza e a diminuição dos resultados financeiros. Como consequência o nível de investimento em novos negócios cai e o desenvolvimento econômico se retrai.

Em sentido contrário vem crescendo no meio empresarial a prática da responsabilidade social, em que muitos empresários compreendem que seus negócios fazem parte e dependem do meio social, buscando as cooperativas de créditos como importante alternativa de acesso ao crédito por oferecerem à população em geral, em especial ao pequeno empreendedor rural e urbano, maior volume de recursos a juros menores que a média das taxas praticadas no mercado.

Tendo como missão valorizar o relacionamento, oferecer soluções financeiras para agregar renda e contribuir para a melhoria da qualidade de vida de seus associados e da sociedade, o sistema cooperativista de crédito tem respondido as perguntas:

Onde buscar recursos em tempo e valores necessários para o fomento das atividades rurais?

Como acessar os recursos de fomento e repasses do Governo Federal onde ainda existe carência de instituições de financeiras oficiais?

A resposta vem sendo dada pelas cooperativas de crédito que no Mato Grosso cresceram na última década tanto em número como em financiamentos concedidos aos cooperadores. Realmente uma alternativa que vem dando certo principalmente quando realizada com recursos dos próprios sócios poupadores possibilitando assim ganhar mais como poupador e pagar menos juros na necessidade de crédito.

Resumindo, os recursos disponíveis pelas cooperativas de crédito a disposição dos associados têm origem de repasse de bancos oficiais ou da captação

de aplicações do quadro social. Tanto uns quanto os outros tem custos menores quando administrados pelas cooperativas e crescem de acordo com os resultados financeiros mostrados pelas cooperativas através de seus relatórios anuais.

Analisar os resultados das cooperativas de crédito, relacionados ao número de associados, capital social, sobras gerais e distribuídas fortifica teoricamente o conhecimento de como este processo de expansão está acontecendo.

O estudo de caso realizado na cooperativa de crédito nos levou a reconhecer a necessidade e a importância do fortalecimento do capital social das cooperativas e como à análise do Capital Social pode se tornar uma ferramenta importantíssima para os atendimentos dos objetivos de que ela se propõe.

1.1. Problema da pesquisa

O desenvolvimento da produção e comércio de médio e pequeno porte em regiões do interior do país como em Mato Grosso tem sido prejudicado pela falta de instituições oficiais que garantam a oferta de recursos financeiros para fomento e investimento, em quantidade e tempo apropriados.

O surgimento na última década de cooperativas de crédito para superar este problema nos levou a pensar e interrogar:

- Qual a relação entre o capital social, sobras realizadas e distribuídas por associado?
- Qual a relação entre o capital social e o número de sócios atuantes da cooperativa?

1.2. Hipótese da pesquisa

Segundo Silva (2008): “a hipótese não é a certeza da resposta à pesquisa, pois se assim fosse não seria necessário realizar a pesquisa”. Para responder as questões deste trabalho são desenvolvidas as seguintes hipóteses:

- A evolução do capital social teve como fator a aplicação de recursos de seus associados no capital social.
- A evolução do capital social ocorreu por meio de retorno de sobras do exercício da cooperativa.
- A evolução do montante dos recursos para financiamento se deve ao aumento do capital social.

1.3. Objetivos

1.3.1 Objetivo Geral

Identificar matematicamente as informações gerais e dos demonstrativos contábeis da Cooperativa de Crédito Sicredi Univales para verificar a relação capital social/sócios e valor total das sobras/sócios.

1.3.2 Objetivos Específicos

Segundo Beuren (2003, p.53), “[...] os objetivos específicos devem descrever ações pormenorizadas, aspectos específicos para alcançar o objetivo geral estabelecido”.

São eles:

- Elaborar a série histórica do desenvolvimento do capital social.
- Analisar matematicamente a evolução do Capital Social.
- Elaborar série histórica de relações-índices sobre capital social, número de cooperadores, distribuição de sobras.
- Relatar descritivamente o que aconteceu com o Capital Social nos anos estudados.

1.4 Delimitação da pesquisa

O campo da pesquisa situou-se na cooperativa de crédito Sicredi Univales, com sede em na cidade de Juína, atendendo também no estado de Mato Grosso nos municípios de: Brasnorte, Castanheira, Cotriguaçu, Juara, Novo Horizonte do Norte, Porto dos Gaúchos, Aripuanã, Juruena, Nova Bandeirantes, Nova Monte Verde, Colniza, Tabaporã, e Apiacás; no estado de Rondônia: Vilhena e Colorado do Oeste.

I – COOPERATIVISMO

1.1 História do Cooperativismo

O cooperativismo é uma união de pessoas que buscam atingir um objetivo comum, desde as antigas civilizações, as pessoas já se uniam para realizar diversas tarefas como caça, pesca e coleta de frutos, e posteriormente o cultivo do solo e a criação de animais.

Conforme afirma Alves (2002): “Na Babilônia, no Egito e na Grécia já existiam formas de cooperação nos campos de trigo e no artesanato”. Ainda segundo o autor, no século XV, quando os europeus chegaram a América constatou-se que as civilizações Astecas, Maia e Inca possuíam formas de cooperação baseadas em regime de verdadeira cooperação. Então podemos verificar que “cooperativismo” não é uma invenção do homem moderno, conforme afirma Becho (2005):

“O cooperativismo surge com a necessidade do homem de unir-se solucionar alguns dos seus problemas comuns. Essa necessidade já havia sido identificada na Antiguidade, acompanhando o homem em sua evolução histórica. Apesar da idéia de ajuda mútua ser antiga, apenas no século dezoito é que começaram a ser descobertas fórmulas que permitiam a criação de estruturas que viabilizassem esse ideal”.

Contudo, o cooperativismo ganhou força e se expandiu na dialética da Revolução Industrial na Inglaterra, no século XVIII. Nesse período as fábricas atraíam a população rural para a cidade, provocando um grande êxodo rural, que tornou a mão-de-obra nas cidades abundante e, portanto muitíssima barata, o que favoreceu aos donos de fábricas na exploração dos operários, estipulando jornadas de trabalho abusivas e salários miseráveis segundo Kreutz (2004).

Diante dessa situação caótica em que se encontrava a população de operários se reuniram em busca de lideranças para buscarem alternativas para melhorar as perspectivas de vida da população. Assim a “Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale” (Sociedade Pioneiros Eqüitativos de Rochdale) foi constituída no dia 21 de Dezembro de 1844, no bairro Rochdale, na cidade de Manchester, Inglaterra, tendo como percussores deste movimento o inglês Robert Owens (1771-1888), François M. C. Fourier (1772-1837), Philippe Buchez (1796-

1865), Louis Blanc (1812-1882) e Saint Simon (1760-1825). É o que afirma Beraldo, 2007:

“A finalização do projeto com a inauguração do armazém aconteceu em vésperas de Natal. Foi criada como uma associação sem fins lucrativos e esta sociedade somente tomaria o nome de Cooperativa de Rochdale após a promulgação da Lei de 1852, sobre a sociedade industrial e de previdência por influência direta de John Malcolm Ludlow, denominada “Industrial and Provident Societies Act”.

Pode-se perceber que a luta por uma vida digna leva as pessoas a procura melhoras. A história nos mostra isso, pois foi a associação de 28 tecelões, depois de economizarem durante um ano uma libra cada um, na maioria operários desempregados, que se uniram para formar uma cooperativa com o objetivo de lhes fornecer bens de primeira necessidade tal como proporcionar melhorias de vida para todos. Com dez anos de fundação o número de associados passava de 1400. Beraldo, 2007 complementa: “depois de pensar juntos, de trocar idéias sobre seus problemas comuns e aflições, eles resolveram encontrar uma solução por meio da ajuda mútua, na solidariedade do grupo unido e formalmente organizado”.

Após o sucesso da cooperativa de Rochdale, como afirma Kreutz (2004), surgiu outras cooperativas por toda a Europa (cooperativas de trabalho na França, de crédito na Alemanha e Itália).

“A expressão cooperativismo” origina-se da palavra “cooperação”; oriunda do latim “cooperari”, que significa “operar conjuntamente” afirma Santos (2008), daí a ideia de sistema fundamentado na união de pessoas na busca de um bem comum para o benefício de todos.

Atualmente o cooperativismo está presente no mundo todo nos inúmeros segmentos.

“No Japão, as cooperativas ocupam um lugar relevante no desenvolvimento das regiões rurais; Nos Estados Unidos foram as cooperativas que levaram a energia elétrica [...]; Na Romênia, as Cooperativas de turismo e viagem são as primeiras do país, [...]. Na Itália, as cooperativas operárias de diversos setores são reconhecidas como o setor de ação mais eficaz, [...]; No Canadá, [...] mais de 75% da produção de trigo e outros cereais do país passam pelas mãos de cooperativas de comercialização; [...] Nos países escandinavos, as cooperativas agrícolas têm de longe a maior parte do mercado da maioria dos produtos, [...]; Na França, Polônia e Filipinas funcionam, com muito sucesso as cooperativas escolares.”

Sendo assim, percebe-se que ao adotar o cooperativismo o objetivo se torna comum, desde que atendam as necessidades almejadas, sejam quais forem elas. Todo esforço comum gira em torno do bem estar em qualquer parte do mundo.

1.2 Contexto Histórico do Cooperativismo no Brasil

No Brasil as primeiras práticas cooperativas foram praticadas pelos índios e depois pelos europeus após a colonização do continente sul-americano introduzida pelos jesuítas.

“Por volta de 1610, quando foram fundados no Brasil as primeiras Reduções Jesuíticas, houve as primeiras tentativas da criação de um Estado em que prevalecesse a ajuda mútua. Incentivada pelos padres jesuítas e baseada no princípio do auxílio mútuo (mutirão), esta prática, encontrada entre os indígenas brasileiros e em quase todos os povos primitivos, desde os primeiros tempos da humanidade, vigorou por cerca de 150 anos.” (SICOOB-COOPEMAT, 2009)

No ano de 1847, foi fundada a colônia Teresa Cristina, moldada nos ideais humanistas, no estado do Paraná, pelo médico francês Jean Maurice Faivre, juntamente com outros europeus, conforme afirma o Portal Cooperativismo (2008). Em 1891, foi fundada a primeira cooperativa de consumo do Brasil brasileira, pelos funcionários da Companhia Telefônica de Limeira, no estado de São Paulo, segundo Alves (2002). Já o cooperativismo de crédito teve início no ano de 1902, no Rio Grande do Sul, pelo padre jesuíta Theodor Amstad, como afirma o site Cooperativismo de Crédito (2008).

Kreutz (2004) faz a seguinte afirmação.

“Nas décadas de 50 e 60, principalmente, o cooperativismo teve relativa expansão no Brasil, destacando-se o cooperativismo agropecuário. Atualmente, com mais de 5.600 cooperativas, o cooperativismo atua nos mais variados setores da economia, estendendo-se a diversos segmentos da sociedade brasileira, com relativa expressão de crescimento, no setor urbano”.

Como se pode notar as cooperativas expandem mundialmente, ocupa todas as fronteiras em todos os setores da economia e em todas as regiões do Brasil, inclusive em nosso município.

1.3 Cooperativismo em Juína

1.3.1. Sicredi Univales

Em entrevista com os sócios fundadores em especial com senhor Juarez Antonio Cividini a Cooperativa de Crédito Rural do Vale do Juruena – SICREDI UNIVALES teve início de suas atividades em 09 de julho de 1993, alguns produtores rurais se reuniram no Centro de Tradições Gaúchas (CTG) de Juína para buscar alternativas de apoio financeiro ao desenvolvimento do setor agropecuário, neste encontro estavam presentes nove produtores, Juarez Antônio Cividini, Natalino Lopes dos Santos, Jacinto Diana, Jose Antônio Pilegi Rodrigues, Natal Felber, Iracy Maitelli Armeliato, Nelson Dillio, Clovis Antônio Iores e Osmar Tozzo. Nasceu, assim, a CREDIVALE – Cooperativa de Crédito Rural Vale do Juruena Ltda, como Cooperativa de Crédito Rural, tendo como seu primeiro associado Sr. Juarez Antônio Cividini, o qual também é presidente da mesma desde sua fundação.

Nos anos de 1994 e 1995, em virtude dos planos econômicos a cooperativa passa por momentos difíceis e não consegue crescer. Na época não havia serviço de compensação própria, criando custos que preocupavam o quadro social.

De acordo com Sicredi A¹, a criação do Banco Cooperativo Sicredi S/A (Bansicredi) deu-se em 1995. Bansicredi foi o primeiro banco cooperativo privado brasileiro com acesso a produtos e serviços bancários, vedados, até então, às cooperativas pela legislação vigente. Dessa forma as cooperativas passaram a administrar, em maior escala, os seus recursos financeiros, oferecendo alternativas para o segmento agropecuário.

Em 18 de dezembro de 2006 a cooperativa passou por algumas mudanças, teve sua natureza jurídica alterada pela Resolução do Conselho Monetário Nacional (CMN) nº. 3.321, de 30/09/2005, com isso passou a se denominar, Cooperativa de Crédito de Livre Admissão de Associados do Vale do Juruena – SICREDI UNIVALES.

Hoje a Sicredi Univales atende os municípios de: Brasnorte, Castanheira, Cotriguaçu, Juína, Juara, Novo Horizonte do Norte, Porto dos Gaúchos, Aripuanã, Juruena, Nova Bandeirantes, Nova Monte Verde, Colniza, Tabaporã, e Apiacás no estado de Mato Grosso; Vilhena e Colorado do Oeste no estado de Rondônia.

¹ Cartilha Interna do Sicredi

A CREDIVALE - SICREDI tem por objetivos estimular a formação de poupança e captação de recursos, através da mutualidade, dar assistência financeira aos associados, para fomentar a produção rural, industrial e comercial de seus associados e da comunidade onde está inserida.

Para isto pode praticar todas as operações compatíveis com a sua modalidade social, inclusive obter recursos financeiros de fontes externas, obedecidas à legislação pertinente, os atos regulamentares oficiais, seu Estatuto e as Normas Internas do SICREDI.

A atuação da CREDIVALE – SICREDI nas comunidades onde está presente possui dois pilares: o econômico e o social. A Relação Econômica ocorre através da prestação de serviços de produtos e serviços financeiros que oportunizam a geração de renda para o associado e as sobras que sustentam o desenvolvimento do negócio mantendo seus recursos aplicados em sua área de atuação.

Atualmente a cooperativa possui mais de 24 mil associados. Entre julho de 2006 e dezembro de 2008 foram vendidas 760 cotas de consorcio. No decorrer do ano de 2008 foram liquidados mais de 177 mil títulos e o número de poupadores ultrapassa 07 mil pessoas, dados fornecidos pela Sicredi Univales².

Por sua vez, através das Relações Sociais, a CREDIVALE - SICREDI valoriza e desenvolve as pessoas, a sociedade e o meio ambiente, assim, seguindo e multiplicando os seus princípios e valores. Cooperativa e comunidade juntas, com suas relações econômicas e sociais oportunizam o desenvolvimento social.

2 Livro Contábil

II – CAPITAL SOCIAL

2.1 – Definição e Aplicação

Capital social é o valor, em moeda corrente, que cada pessoa integraliza/deposita ao associar-se e que serve para o desenvolvimento da cooperativa, podendo ainda o capital social ser substituído.

Capital social é o capital que os acionistas oferecem à sociedade para garantir os recursos para investimentos, disposição de créditos e serviços aos associados, manutenção, gastos com empregados e fornecedores.

Diferentemente do que capitalismo clássico, o capital não pertence aos acionistas e sim aos cooperadores.

Para tornar possível a manutenção e promover o desenvolvimento dos serviços que a cooperativa deve prestar aos cooperados, é preciso incentivar a capitalização, pois como donos da sociedade devem assumir de fato esta condição e aplicarem capital na organização que lhes pertence, para investir, fortalecer o capital de giro e evitar a dependência de capital de terceiros. Sem capital a cooperativa perde a sua independência financeira, pois o crédito concedido pelos bancos geralmente se torna muito caro. (OCB/ES, 2007).

É o capital social que dá ao usuário da Cooperativa a condição de dono do empreendimento cooperativo permitindo-lhe usufruir dos produtos e serviços oferecidos, sujeitando-se a cumprir seus direitos e obrigações assumidos.

Para Matten (2001), o capital social de uma cooperativa de crédito é a principal fonte formadora do seu patrimônio e garantia, perante terceiros das obrigações assumidas pela sociedade (e não pelo associado).

2.2. Capital Social em Cooperativas

O capital social é o somatório de todas as quotas-partes dos associados da cooperativa. A quota-parte é uma quantia em dinheiro que os associados depositam no momento em que entram na Cooperativa. Esse dinheiro contribui para o suporte das atividades financeiras da instituição. Para funcionarem, as cooperativas precisam de recursos, pois necessitam de capacidade própria de capitalização, o

que as viabiliza operacional e negocialmente. O incremento do capital ocorre pela adesão de novos associados.

Segundo a Lei 5.764/71, define capital social em cooperativas:

Art. 24 – O capital social será subdivido em quotas-partes, cujo valor unitário não poderá ser superior ao maior salário-mínimo vigente no País.

§ 1º Nenhum associado poderá subscrever mais de 1/3 (um terço) do total das quotas-partes, salvo nas sociedades em que a subscrição deva ser diretamente proporcional ao movimento financeiro do cooperado ou ao quantitativo dos produtos a serem comercializados, beneficiados ou transformados, ou ainda, em relação à área cultivada ou ao número de plantas e animais em exploração.

§ 2º Não estão sujeitas ao limite estabelecido no parágrafo anterior as pessoas jurídicas de direito público que participem de cooperativas de eletrificação, irrigação e telecomunicações.

§ 3º É vedado às cooperativas distribuírem qualquer espécie de benefício às quotas-partes do capital ou estabelecer outras vantagem ou privilégios, financeiros ou não, em favor de quaisquer associadas ou terceiros excetuando-se os juros até o máximo de 12% (doze por cento) ao ano que incidirão sobre a parte integralizada.

Art. 25. Para a formação do capital social poder-se-á estipular que o pagamento das quotas-partes seja realizado mediante prestações periódicas, independentemente de chamada, por meio de contribuições ou outra forma estabelecida a critério dos respectivos órgãos executivos federais.

Art. 26. A transferência de quotas-partes será averbada no Livro de Matrícula, mediante termo que conterá as assinaturas do cedente, do cessionário e do diretor que o estatuto designar.

Art. 27. A integralização das quotas-partes e o aumento do capital social poderão ser feitos com bens avaliados previamente e após homologação em Assembleia Geral ou mediante retenção de determinada porcentagem do valor do movimento financeiro de cada associado.

Observa-se que as regras para que uma cooperativa funcione são regulamentadas para a segurança dos cooperados. Sendo dessa forma, uma organização que zela pela democracia, tendo em vista que todos são responsáveis pela aprovação ou não dos assuntos tratados, como aborda o artigo 27, quando se refere a homologação em Assembleia Geral.

III - NÚMEROS ÍNDICES, INFLAÇÃO E DEFLAÇÃO

Quando se trata de números, mais especificamente quando se compara grupos de variáveis relacionadas entre si, faz-se o uso de medidas que são nominados de números índices ou índices, é o que afirma Castanheira (2008):

Os NÚMEROS ÍNDICES, ou simplesmente ÍNDICES, são medidas estatísticas frequentemente usadas para comparar grupos de variáveis relacionadas entre si e para obter um quadro simples e resumido das mudanças significativas ocorridas ao longo do tempo. São expressos em termos percentuais. Os mais usados medem, em geral, variações de preços e de quantidades ao longo do tempo.

No estudo de relação entre as variáveis, pode-se examinar mais detalhadamente situações bastante comum em muitas situações do cotidiano. Sendo assim, é pelo estudo e observação é possível compreender a associação entre duas ou mais variáveis métricas. Ou seja, quando entendida a relação entre uma variável e várias outras se torna mais inteligível a situação demonstrada.

Intimamente ligada ao conceito de números índices o trabalho utilizou a série histórica levantada a partir de documentos contábeis da empresa em estudo, conforme exemplo da série histórica da inflação do país no mesmo período.

O índice de inflação é usado para comparar valores em períodos diferentes para equiparação de valores. Neste sentido, pode-se tomar as palavras de Bacha (2004) para definir inflação:

A inflação é uma situação de aumentos contínuos e generalizados dos preços de bens e serviços em uma economia, Neste conceito de inflação três aspectos devem ser ressaltados:

A inflação é uma situação, um estado, uma circunstância em que se encontra uma sociedade.

Os aumentos de preços são contínuos no tempo e não esporádicos.

Esses aumentos de preços são generalizados entre os bens e serviços, que podem ser uso final ou intermediário.

No que se refere aos termos inflação e deflação não há uma conceituação isolada, ou seja, ao se definir um, não há como descartar outro, uma vez que é como se ambos fossem lados de uma mesma moeda. Segundo Mises (1998):

Os termos inflacionismo e deflacionismo, inflacionista e deflacionista, se aplicam a programas políticos que resultam em inflação ou deflação no sentido de grandes mudanças de origem monetária do poder aquisitivo.[...] muitas pessoas chamam de inflação ou deflação não ao grande aumento ou redução da oferta da moeda, mas a sua inexorável consequência: a tendência generalizada de aumento ou redução dos preços da mercadoria e dos salários.

Usando esses conceitos deflacionou-se os valores dos dados levantados junto ao movimento contábil da cooperativa em estudo para se obter índices equivalentes. Para deflacionar usou-se dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, conforme modelo de tabela abaixo:

Tabela A – Inflação Histórica IPCA.

Inflação Histórica IPCA (em %)

ANO	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	ACUMULADO
1980	6,62	4,62	6,04	5,29	5,70	5,31	5,55	4,95	4,23	9,48	6,67	6,61	99,27%
1981	6,84	6,40	4,97	6,46	5,56	5,52	6,26	5,50	5,26	5,08	5,27	5,93	95,65%
1982	6,97	6,64	5,71	5,89	6,66	7,10	6,36	5,97	5,08	4,44	5,29	7,81	104,80%
1983	8,64	7,86	7,34	6,58	6,48	9,88	10,08	9,11	10,30	8,87	7,38	8,68	163,99%
1984	9,67	9,50	8,94	9,54	9,05	10,08	9,72	9,35	11,75	10,44	10,53	11,98	215,27%
1985	11,76	10,87	10,16	8,20	7,20	8,49	10,31	12,05	11,12	10,62	13,97	15,07	242,24%
1986	14,37	12,72	4,77	0,78	1,40	1,27	1,71	3,55	1,72	1,90	5,45	11,65	79,65%
1987	13,21	12,64	16,37	19,10	21,45	19,71	9,21	4,87	7,78	11,22	15,08	14,15	363,41%
1988	18,89	15,70	17,60	19,29	17,42	22,00	21,91	21,59	27,45	25,62	27,94	28,70	980,22%
1989	37,49	16,78	6,82	8,33	17,92	28,65	27,74	33,71	37,56	39,77	47,82	51,50	1972,91%
1990	67,55	75,73	82,39	15,52	7,59	11,75	12,92	12,88	14,41	14,36	16,81	18,44	1620,96%
1991	20,75	20,72	11,92	4,99	7,43	11,19	12,41	15,63	15,63	20,23	25,21	23,71	472,69%
1992	25,94	24,32	21,40	19,93	24,86	20,21	21,83	22,14	24,63	25,24	22,49	25,24	1119,09%
1993	30,35	24,98	27,26	27,75	27,69	30,07	30,72	32,96	35,69	33,92	35,56	36,84	2477,15%
1994	41,31	40,27	42,75	42,68	44,03	47,43	6,84	1,86	1,53	2,62	2,81	1,71	916,43%
1995	1,70	1,02	1,55	2,43	2,67	2,26	2,36	0,99	0,99	1,41	1,47	1,56	22,41%
1996	1,34	1,03	0,35	1,26	1,22	1,19	1,11	0,44	0,15	0,30	0,32	0,47	9,56%
1997	1,18	0,50	0,51	0,88	0,41	0,54	0,22	-0,02	0,06	0,23	0,17	0,43	5,22%
1998	0,71	0,46	0,34	0,24	0,50	0,02	-0,12	-0,51	-0,22	0,02	-0,12	0,33	1,66%
1999	0,70	1,05	1,10	0,56	0,30	0,19	1,09	0,56	0,31	1,19	0,95	0,60	8,94%
2000	0,62	0,13	0,22	0,42	0,01	0,23	1,61	1,31	0,23	0,14	0,32	0,59	5,97%
2001	0,57	0,46	0,38	0,58	0,41	0,52	1,33	0,70	0,28	0,83	0,71	0,65	7,67%
2002	0,52	0,36	0,60	0,80	0,21	0,42	1,19	0,65	0,72	1,31	3,02	2,10	12,53%
2003	2,25	1,57	1,23	0,97	0,61	-0,15	0,20	0,34	0,78	0,29	0,34	0,52	9,30%
2004	0,76	0,61	0,47	0,37	0,51	0,71	0,91	0,69	0,33	0,44	0,69	0,86	7,60%
2005	0,58	0,59	0,61	0,87	0,49	-0,02	0,25	0,17	0,35	0,75	0,55	0,36	5,69%
2006	0,59	0,41	0,43	0,21	0,10	-0,21	0,19	0,05	0,21	0,33	0,31	0,48	3,14%
2007	0,44	0,44	0,37	0,25	0,28	0,28	0,24	0,47	0,18	0,30	0,38	0,74	4,45%
2008	0,54	0,49	0,48	0,55	0,79	0,74	0,53	0,28	0,26	0,45	0,36	0,28	5,90%
2009	0,48	0,55	0,20	0,48	0,47	0,36	0,24	0,15	0,24	0,28	0,41	0,37	4,31%
2010	0,75	0,78	0,52	0,57	0,43	0,00	0,01	0,04	0,45	0,75	0,83	0,63	5,90%
2011	0,83	0,80	0,79	0,77	0,47	0,15	0,16	0,37	-	-	-	-	4,42%

Fonte: IBGE³

Tabela Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 20/08/2011.

Tendo os dados apresentados em tabelas, torna-se mais ágil e prático a interpretação das informações que se quer dar ou receber. Passa-se a Metodologia e análise.

IV – METODOLOGIA

O Cooperativismo de Crédito é setor de destaque no cenário da economia nacional como fonte de empregos e renda, e dessa forma merece um processo investigatório, que contribua para o desenvolvimento desta atividade econômica. Neste sentido o uso de ferramentas que possibilitem a eficiência e a eficácia dentro destas organizações, deve ser levado em consideração quando da investigação.

Para Gil (1999) “o estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um, ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento”. (GIL, 1999)

Já Fachin (2001) afirma que no estudo de caso todos os aspectos são investigados e por tratar-se de um estudo intensivo “podem até aparecer relações que de outra forma não seriam descobertas”.

Assim sendo a metodologia utilizada na elaboração deste trabalho situa-se como estudo de caso com pesquisas bibliográficas, entrevistas, consultas às Normas, Resoluções e Circulares do Banco Central do Brasil, OCB e demonstrações contábeis da entidade em estudo.

Elaborado fórmulas de relação entre os dados para a construção de informações a serem interpretadas posteriormente. Séries históricas e gráficos foram construídas para a interpretação e melhor visualização do objeto da pesquisa.

O encaminhamento da pesquisa seguiu os seguintes passos:

Pesquisa bibliográfica inicial - pesquisa bibliográfica referente ao tema: Cooperativa de crédito e capital social.

Pois de acordo com Beuren (2006):

O material consultado na pesquisa bibliográfica abrange todo o referencial já tornado público em relação ao tema em estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, dissertações, teses entre outros.

Pesquisa documental - Concomitante a bibliográfica foi feito uma pesquisa em documentos contábeis em uma Cooperativa. Para Gil (2002): tipo este de pesquisa segue os mesmos passos da pesquisa bibliografia, com a diferença que, enquanto na pesquisa bibliográfica as fontes são constituídas, sobretudo por material impresso localizado nas bibliotecas, na pesquisa documental, as fontes são muito mais

diversificadas e dispersas. O caso escolhido foi a Cooperativa de Crédito da cidade de Juína-MT.

Na condução do trabalho, primeiramente foram feitos estudos sobre o cooperativismo, seus conceitos, métodos, principais autores e sistemas de cooperativismo. Depois, estudo sobre capital social, definição, aplicação e como são aplicados nas cooperativas. Da mesma forma seguiu-se o estudo sobre série histórica, deflação, números índices, definição e metodologia. Finalmente, procedeu-se o estudo de caso na Cooperativa de Crédito Sicredi Univales, os dados foram coletados através de pesquisas eletrônicas, uso de material interno da empresa em estudo.

Os dados foram apresentados na monografia através de gráficos e tabelas que através de relatos e comentários analíticos foram demonstrando sua aplicabilidade, favorecendo a análise e compreensão da pesquisa.

V – ANÁLISES E RESULTADOS

A pesquisa de campo foi realizada com coleta de dados na Cooperativa de Crédito Sicredi Univales, mas especificamente com colaboradores que atuam na área de gestão e desenvolvimento.

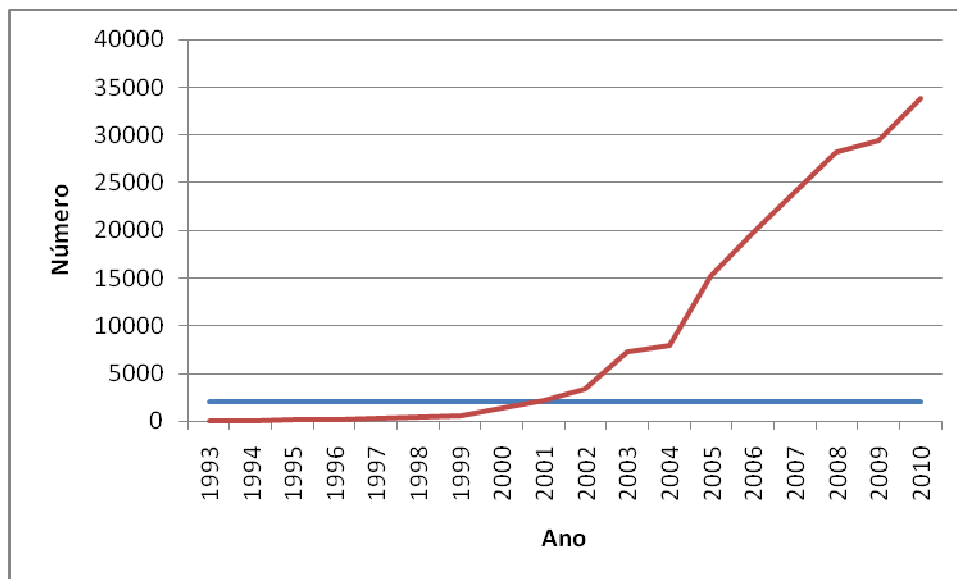
O quadro 1 mostra a evolução do número de sócios da cooperativa desde sua fundação até o ano de 2010.

Quadro 1 – Números de Associados Sicredi Univales

Ano	Número de Associados	Capital Social	CS/NA	Resultado	SB/NS	CS/SB
1993	66	R\$ 4.578,30	R\$ 69,37	R\$ 1.312,67	R\$ 19,89	3,487777
1994	96	R\$ 126.948,89	R\$ 1.322,38	R\$ 57.056,40	R\$ 594,34	2,224972
1995	139	R\$ 209.857,25	R\$ 1.509,76	R\$ 12.127,68	R\$ 87,25	17,30399
1996	208	R\$ 261.416,02	R\$ 1.256,81	R\$ 21.711,25	R\$ 104,38	12,04058
1997	287	R\$ 378.391,09	R\$ 1.318,44	R\$ 74.506,43	R\$ 259,60	5,078637
1998	419	R\$ 541.096,06	R\$ 1.291,40	R\$ 62.516,89	R\$ 149,20	8,655198
1999	612	R\$ 755.078,66	R\$ 1.233,79	R\$ 14.149,77	R\$ 23,12	53,36332
2000	1406	R\$ 1.205.991,73	R\$ 857,75	R\$ 545.719,00	R\$ 388,14	2,209913
2001	2238	R\$ 1.860.913,72	R\$ 831,51	R\$ 81.232,00	R\$ 36,30	22,90863
2002	3401	R\$ 2.804.962,58	R\$ 824,75	R\$ 1.068.885,00	R\$ 314,29	2,624195
2003	7317	R\$ 3.887.216,71	R\$ 531,26	R\$ 1.831.802,60	R\$ 250,35	2,122072
2004	8009	R\$ 5.718.632,62	R\$ 714,03	R\$ 1.831.802,00	R\$ 228,72	3,121862
2005	15224	R\$ 7.531.511,78	R\$ 494,71	R\$ 2.884.112,00	R\$ 189,45	2,61138
2006	19824	R\$ 9.490.959,03	R\$ 478,76	R\$ 3.792.543,00	R\$ 191,31	2,502532
2007	24028	R\$ 15.857.016,59	R\$ 659,94	R\$ 7.095.338,00	R\$ 295,29	2,23485
2008	28227	R\$ 20.975.466,25	R\$ 743,10	R\$ 9.800.610,00	R\$ 347,21	2,14022
2009	29440	R\$ 23.535.816,83	R\$ 799,45	R\$ 6.280.157,00	R\$ 213,32	3,747648
2010	33821	R\$ 27.154.197,87	R\$ 802,88	R\$ 7.800.352,00	R\$ 230,64	3,48115

Fonte: Quadro elaborado com base nos dados apresentados pela entidade.

Este quadro apresenta os dados que serão usados para formulação dos números índices e formatação dos gráficos para estudo, e mostra ainda a evolução do número de associados desde 1993, ano de fundação da instituição até o ano de 2010, onde pode ser observado que a maior evolução quanto ao número de associados ocorreu a partir do ano de 2002, o que pode ser melhor visualizado na representação gráfica a seguir.

Gráfico 1 – Números de Associados Sicredi Univales

Fonte: Gráfico elaborado com base nos dados apresentados pela entidade

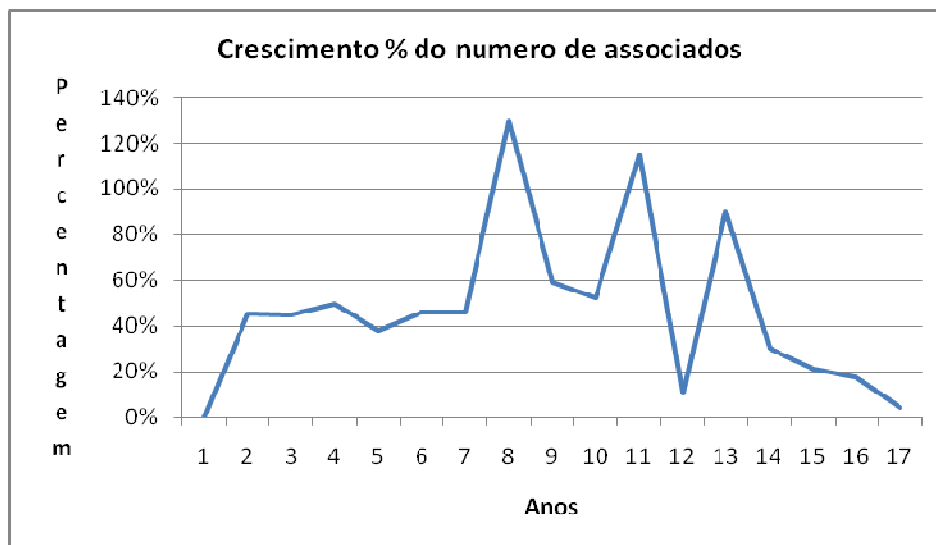
O gráfico mostra um pequeno número de associados nos primeiros anos da cooperativa e após 2000 há um aumento excepcional na quantidade de sócios, pois a mesma se mostrou uma empresa sólida, uma parceira no papel de fomento econômico e também pelo fato de deixar de ser apenas uma cooperativa de produtores rurais permitindo o ingresso de pessoas de outros segmentos econômicos da sociedade.

Quadro 2 – Evolução Percentual de Associados Sicredi Univales

Ano	Número de associados	Crescimento % do número de associados
1993	66	00%
1994	96	45,45%
1995	139	44,79%
1996	208	49,64%
1997	287	37,98%
1998	419	45,99%
1999	612	46,06%
2000	1406	129,73%
2001	2238	59,17%
2002	3401	51,96%
2003	7317	115,14%
2004	8009	10,68%
2005	15224	90,08%
2006	19824	30,21%
2007	24028	21,20%
2008	28227	17,47%
2009	29440	4,29%
2010	33821	14,88%

Fonte: Quadro elaborado com base nos dados apresentados pela entidade.

Ao se observar o quadro acima, verifica-se um crescimento significativo nos anos de 2000, 2003 e 2005. O menor registro de crescimento foi em 2009, porém todos os anos mantiveram-se a alta, algumas vezes, tímida, outras, mais elevada.

Gráfico 2 – Evolução Percentual de Associados Sicredi Univales

Fonte: Gráfico elaborado com base nos dados apresentados pela entidade.

Quando analisamos o crescimento percentual do número de sócios podemos observar que ele continua a aumentar ano a ano de forma irregular, sendo que nos últimos quatros anos o percentual de um ano para o outro vem diminuindo.

A seguir a demonstração do resultado ao final de cada ano fiscal apurado pela cooperativa estudada.

Quadro 3 – Evolução do Resultado Sicredi Univales

Ano	Resultado	Valor deflacionado	% de Inflação
1993	(R\$ 1.312,67)	(50,93)	2477,15
1994	R\$ 57.056,40	5.613,41	916,43
1995	R\$ 12.127,68	9.907,43	22,41
1996	R\$ 21.711,25	19.816,77	9,56
1997	R\$ 74.506,43	70.810,14	5,22
1998	R\$ 62.516,89	61.496,06	1,66
1999	R\$ 14.149,77	12.988,59	8,94
2000	R\$ 545.719,00	514.974,99	5,97
2001	R\$ 81.232,00	75.445,34	7,67
2002	R\$ 1.068.885,00	949.866,70	12,53
2003	R\$ 1.831.802,60	1.675.940,16	9,3
2004	R\$ 1.831.802,00	1.702.418,22	7,6
2005	R\$ 2.884.112,00	2.731.425,32	5,59
2006	R\$ 3.792.543,00	3.677.082,61	3,14
2007	R\$ 7.095.338,00	6.793.047,39	4,45
2008	R\$ 9.800.610,00	9.254.589,24	5,9
2009	R\$ 6.280.157,00	6.020.089,15	4,32
2010	R\$ 7.800.352,00	7.435.988,56	4,9

Fonte: Inflação histórica IPCA em %.

Este quadro demonstra o resultado por ano com os valores registrados em livro contábil, o valor que ele representa deflacionado e o índice de inflação aplicado, cuja informação tem como base e fundamentação o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). A demonstração gráfica seguir a evidencia a consistência do capital da cooperativa em relação à ascensão do número de associados e o aumento do capital social.

Gráfico 3 – Evolução do Resultado Sicredi Univales

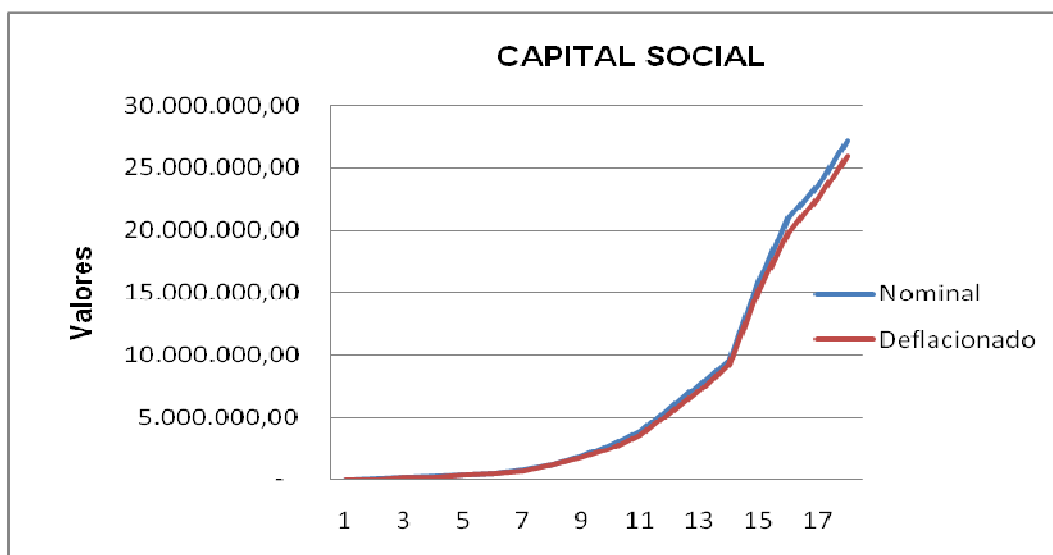
Fonte: Gráfico elaborado com base nos dados apresentados pela entidade.

Neste gráfico é possível perceber com clareza a consistência da cooperativa em que as sobras aumentam consideravelmente sem muita oscilação e que em um ano ocorrem sobras e em outro ocorre perdas, pode ser também evidenciado um resultado menor no ano de 2009, devido aos problemas relacionados ao mercado financeiro naquele ano corrente, de forma que a cooperativa não ficou ileso, tal fato o acompanhou o mercado mundial. O próximo quadro tem por objetivo demonstrar o capital social da cooperativa no mesmo período.

Quadro 4 – Evolução do Capital Social Sicredi Univales.

Ano	Capital Social	Valor deflacionado	% de inflação
1993	4.758,30	184,63	2477,15
1994	126.948,89	12.489,68	916,43
1995	209.857,25	171.438,00	22,41
1996	261.416,02	238.605,35	9,56
1997	378.391,09	359.618,98	5,22
1998	541.096,06	532.260,54	1,66
1999	755.078,66	693.114,25	8,94
2000	1.205.991,73	1.138.050,14	5,97
2001	1.860.913,72	1.728.349,33	7,67
2002	2.804.962,58	2.492.635,37	12,53
2003	3.887.216,71	3.556.465,43	9,3
2004	5.718.632,62	5.314.714,33	7,6
2005	7.531.511,78	7.132.788,88	5,59
2006	9.490.959,03	9.202.015,74	3,14
2007	15.857.016,59	15.181.442,40	4,45
2008	20.975.466,25	19.806.861,43	5,9
2009	23.535.816,83	22.561.174,11	4,32
2010	27.154.197,87	25.885.793,97	4,9

Fonte: Quadro elaborado com base nos dados apresentados pela entidade. Inflação histórica IPCA em %.

Gráfico 4 – Evolução do Capital Social Sicredi Univales

Fonte: Gráfico elaborado com base nos dados apresentados pela entidade.

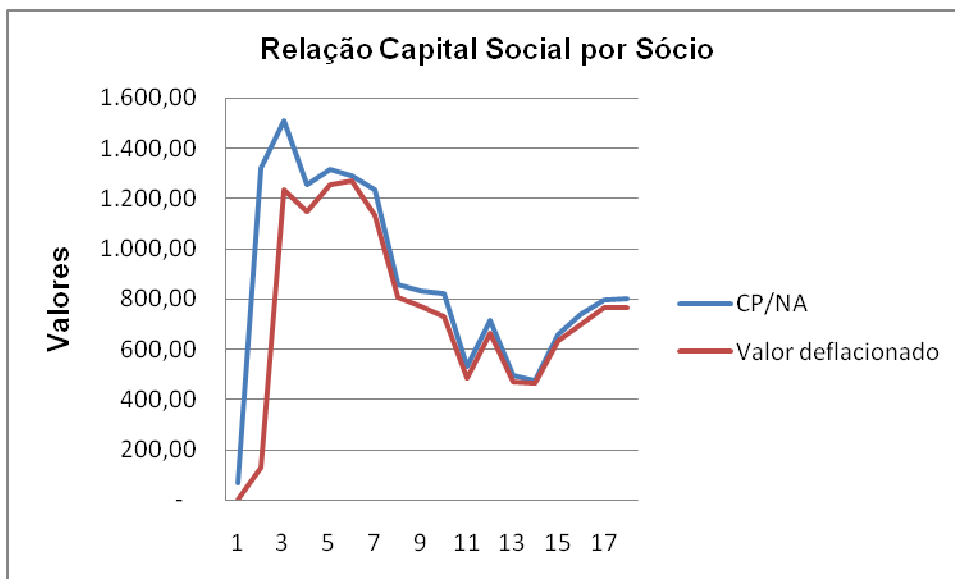
Observa-se neste gráfico que seguindo o crescimento e a solidez da cooperativa o capital social aumentou em todos os anos não apresentando queda em nenhum momento de sua existência.

Quadro 5 – Evolução do Capital Social/Número de associados

Ano	Num. de sócios	Capital Social	CP/NA	Valor deflacionado	% de inflação
1993	66	4.578,30	69,37	2,69	2477,15
1994	96	126.948,89	1.322,38	130,10	916,43
1995	139	209.857,25	1.509,76	1.233,36	22,41
1996	208	261.416,02	1.256,81	1.147,14	9,56
1997	287	378.391,09	1.318,44	1.253,03	5,22
1998	419	541.096,06	1.291,40	1.270,31	1,66
1999	612	755.078,66	1.233,79	1.132,54	8,94
2000	1406	1.205.991,73	857,75	809,43	5,97
2001	2238	1.860.913,72	831,51	772,28	7,67
2002	3401	2.804.962,58	824,75	732,92	12,53
2003	7317	3.887.216,71	531,26	486,06	9,3
2004	8009	5.718.632,62	714,03	663,60	7,6
2005	15224	7.531.511,78	494,71	468,52	5,59
2006	19824	9.490.959,03	478,76	464,18	3,14
2007	24028	15.857.016,59	659,94	631,82	4,45
2008	28227	20.975.466,25	743,10	701,70	5,9
2009	29440	23.535.816,83	799,45	766,34	4,32
2010	33821	27.154.197,87	802,88	765,38	4,9

Fonte: Quadro elaborado com base nos dados apresentados pela entidade.

Este quadro visa evidenciar o fato de que conforme aumenta o numero de associados também aumenta o montante do capital social da cooperativa, no entanto quanto mais se expandi o numero de sócios menos e a representação do capital social de cada associado individualmente, fato que tem como contribuição a mudança de valores de integralização de capital para a associação, sendo atualmente exigida uma cota mínima de R\$ 20,00 para que a pessoa seja considerada associado da cooperativa, AGO (Assembléia Geral Ordinária 2011).

Gráfico 5 – Evolução do Capital Social/ Número de Associados

Fonte: Gráfico elaborado com base nos dados apresentados pela entidade.

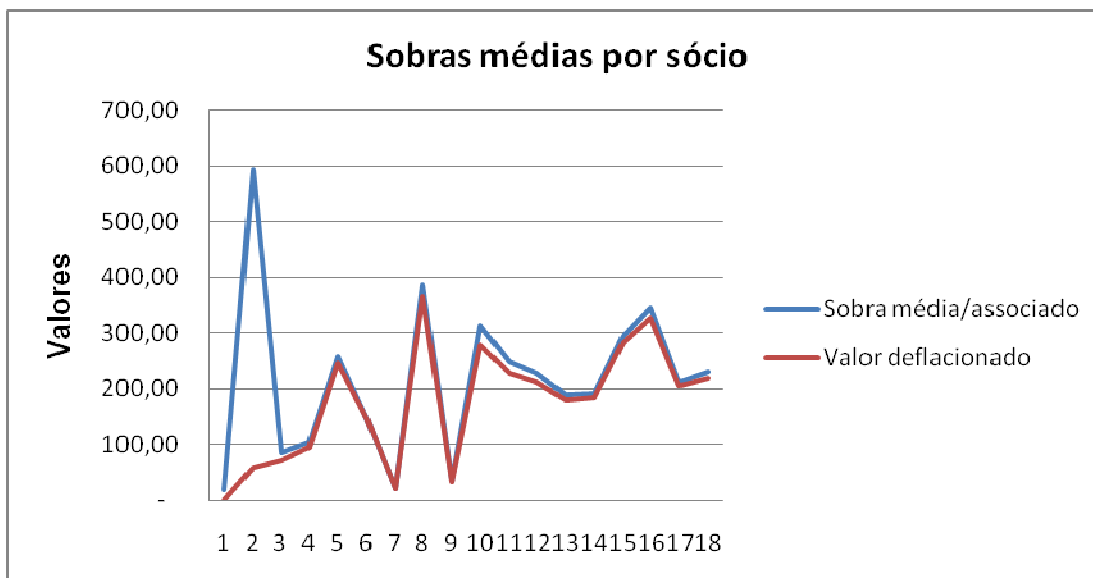
Na relação do valor do capital social por sócio nos primeiros anos ha uma grande oscilação, com o passar dos anos esse valor diminui gradativamente mostrando estabilidade nos últimos anos, cuja estabilidade ocorre devido a flexibilização para a admissão de novos associados conforme já mencionado anteriormente.

Quadro 6 – Evolução da Sobras /Número de associados.

Ano	Número de sócios	Sobras	Sobra média/associado	Valor deflacionado	% de inflação
1993	66	1.312,67	19,89	0,77	2477,15
1994	96	57.056,40	594,34	58,47	916,43
1995	139	12.127,68	87,25	71,28	22,41
1996	208	21.711,25	104,38	95,27	9,56
1997	287	74.506,43	259,60	246,73	5,22
1998	419	62.516,89	149,20	146,77	1,66
1999	612	14.149,77	23,12	21,22	8,94
2000	1406	545.719,00	388,14	366,27	5,97
2001	2238	81.232,00	36,30	33,71	7,67
2002	3401	1.068.885,00	314,29	279,29	12,53
2003	7317	1.831.802,60	250,35	229,05	9,3
2004	8009	1.831.802,00	228,72	212,56	7,6
2005	15224	2.884.112,00	189,45	179,42	5,59
2006	19824	3.792.543,00	191,31	185,49	3,14
2007	24028	7.095.338,00	295,29	282,71	4,45
2008	28227	9.800.610,00	347,21	327,86	5,9
2009	29440	6.280.157,00	213,32	204,49	4,32
2010	33821	7.800.352,00	230,64	219,86	4,9

Fonte: Quadro elaborado com base nos dados apresentados pela entidade.

Ao contrário do quadro de número 5, este quadro visa demonstrar a relação das sobras pela quantidade do número de associados, e tal qual há um aumento do número de associados, consecutivamente, há certa redução no montante de capital distribuído a cada associado, dependendo é claro do montante de sobras da cooperativa no final de cada período.

Gráfico 6– Evolução da Sobras / Número de Associados

Fonte: Gráfico elaborado com base nos dados apresentados pela entidade.

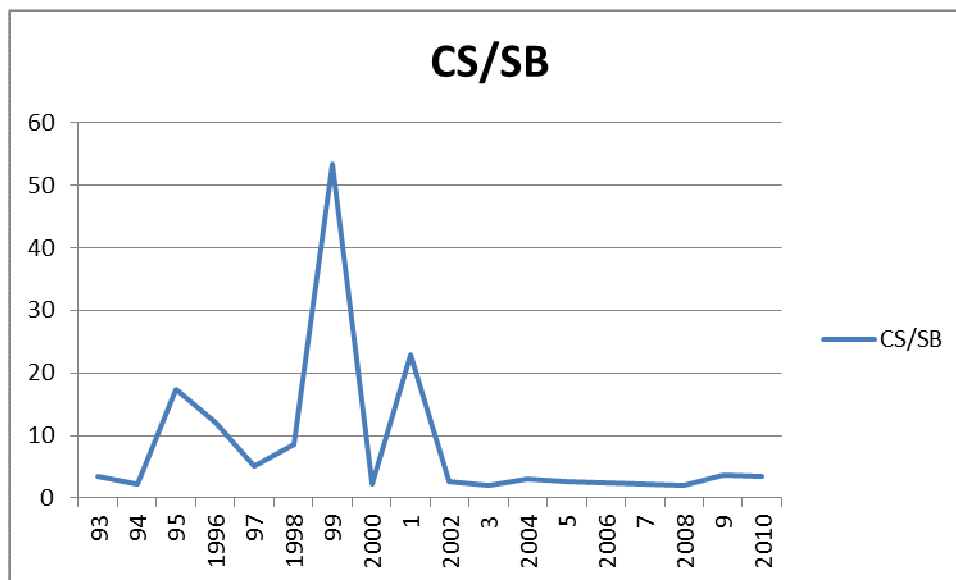
Neste gráfico fazendo a comparação da média de sobras por associados observa-se que há uma enorme oscilação de ano para ano, diminuindo gradativamente com o passar dos anos, contudo nos últimos anos essa oscilação tende a ser menor, mostrando, assim, um possível ponto de equilíbrio.

Quadro 7 – Evolução do Capital /Sobras

Ano	Capital Social	Resultado	CS/SB
1993	R\$ 4.578,30	R\$ 1.312,67	3,487777
1994	R\$ 126.948,89	R\$ 57.056,40	2,224972
1995	R\$ 209.857,25	R\$ 12.127,68	17,30399
1996	R\$ 261.416,02	R\$ 21.711,25	12,04058
1997	R\$ 378.391,09	R\$ 74.506,43	5,078637
1998	R\$ 541.096,06	R\$ 62.516,89	8,655198
1999	R\$ 755.078,66	R\$ 14.149,77	53,36332
2000	R\$ 1.205.991,73	R\$ 545.719,00	2,209913
2001	R\$ 1.860.913,72	R\$ 81.232,00	22,90863
2002	R\$ 2.804.962,58	R\$ 1.068.885,00	2,624195
2003	R\$ 3.887.216,71	R\$ 1.831.802,60	2,122072
2004	R\$ 5.718.632,62	R\$ 1.831.802,00	3,121862
2005	R\$ 7.531.511,78	R\$ 2.884.112,00	2,61138
2006	R\$ 9.490.959,03	R\$ 3.792.543,00	2,502532
7	R\$ 15.857.016,59	R\$ 7.095.338,00	2,23485
2008	R\$ 20.975.466,25	R\$ 9.800.610,00	2,14022
9	R\$ 23.535.816,83	R\$ 6.280.157,00	3,747648
2010	R\$ 27.154.197,87	R\$ 7.800.352,00	3,48115

Fonte: Quadro elaborado com base nos dados apresentados pela entidade.

Assim como no quadro de sobras por associado a relação de capital social por sobras é instável até o ano de 2001, sendo que nos últimos anos, ou seja, a partir de 2002, há uma certa estabilidade no resultado final de capital social versus sobras por período.

Gráfico 7 – Evolução do Capital Social / Número de Associados

Fonte: Gráfico elaborado com base nos dados apresentados pela entidade.

As sobras, por número de associados, apresentam nos primeiros anos grande variação à medida que o capital aumenta e também aumenta o número de sócios. A partir do ano de 2002 estabiliza o crescimento, apresentando pequenas variações mantendo um padrão estável.

CONCLUSÃO

As cooperativas de crédito são instituições financeiras que visam o crédito mútuo entre associados. A cooperativa de Crédito de Livre Admissão Sicredi Univales, é uma instituição de grande sucesso, que vem a cada dia consolidando seus objetivos, que visam o bem estar social e econômico dos cooperados, hoje presente na região do Vale do Juruena, Vale do Arinos, e ainda no Estado de Rondônia.

O capital social é uma ferramenta importante para beneficiar os cooperados, visando o bem social, não somente a rentabilidade, mas sim o bem em comum. Em relação ao capital social é uma ferramenta capaz gerar uma visão partilhada e compartilhada dos objetivos, possibilitando atingir todos os níveis da organização.

Para tornar possível a manutenção e promover o desenvolvimento dos serviços que a cooperativa deve prestar aos cooperados, é preciso incentivar a capitalização de novos recursos, pois esta é a base e garante a solidificação da cooperativa, pois como donos da sociedade os cooperados devem assumir de fato esta condição e aplicarem capital na empresa que lhes pertence, para investir, fortalecer o capital de giro e evitar a dependência de capital de terceiros.

Sem capital próprio a cooperativa perde a sua independência financeira, pois o crédito concedido pelos bancos geralmente se torna muito caro, e torna o negocio inviável.

Quanto ao objetivo da pesquisa, este foi alcançado, pois através do estudo e da coleta de dados, foram apontados os benefícios trazidos pelo capital social, em que se mostrou fundamental para o funcionamento da instituição por mostrar que quando ele aumenta seu resultado apresenta melhores valores, no que se refere a distribuição de sobras aos associados, o trabalho também evidenciou que nos últimos anos este montante a ser distribuído aos associados vem demonstrando uma certa regularidade, toda via com resultados positivos, ainda que o mercado financeiros esteja em crise desde o ano de 2009.

Esta pesquisa foi limitada apenas à Cooperativa de Crédito de Livre Admissão de Associados do Vale do Juruena - Sicredi Univales, não havendo qualquer correlação as demais cooperativas ligadas ao sistema SICREDI. Como sugestão para novos estudos fica a possibilidade de elaboração de novos trabalhos com foco

nas unidades que integram a Sicredi Univales, havendo assim o desmembramento dos resultados de cada unidade em relação aos dados apresentados neste trabalho, podendo este ser utilizado como base, e material de estudo para fundamentação teórica de novos trabalhos, sendo assim este trabalho atenderá a um dos objetivos ainda que não propostos no corpo deste, que é a contribuição para o meio acadêmico.

REFERÊNCIAS

ALVES, Marco Antônio P. **Cooperativismo: Arte e Ciência**. São Paulo/SP: Livraria e Editora Universitária de Direito, 2002.

BACHA, Carlos José Caetano. **Macroeconomia Aplicada à Análise da Economia Brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

BERALDO, Leonardo de Faria (org.). **Direito Societário na Atualidade**. Belo Horizonte: Del Rey, 2007.

BEUREN, Ilse Maria. **Como elaborar trabalhos monográficos**. 3ª Ed. São Paulo, Atlas, 2006.

CASTANHEIRA, Nelson Pereira. Métodos quantitativos. Curitiba: Ibplex, 2008

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª Ed. São Paulo, Atlas, 2002.

HAIR, Joseph F.; Tatham, Ronald L.; Anderson, Rolph E.; Black, William. **Análise Multivariada de Dados**. 5ª Ed. Porto Alegre, Artmed Editora S.A: 1998. Disponível em <<http://books.google.com.br> >. Acesso em: 16/08/2011.

KREUTZ, Ineida T. **Cooperativismo passo a passo**. 2004. Disponível em: <<http://www.seplan.go.gov.br>>. Acesso em 20/08/2011.

Lei nº 5.764/71, de 16 de dezembro de 1971. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em 23/08/2011.

MALHOTRA, Naresh. **Pesquisa de Marketing: Uma Orientação Aplicada**. 4ª Ed. Porto Alegre, Artmed Editora S.A: 2004. Disponível em: <<http://books.google.com.br> >. Acesso em: 15/08/2011.

MATEMATICAS, Diccionario de. **Dicionário de Matemática**. Hemus Livraria, Distribuidora e Editora. Disponível em: <<http://books.google.com.br>>. Acesso em: 15/08/2011.

MISES, Ludwig Von. **AÇÃO HUMANA – UM TRATADO DE ECONOMIA**. 1998. Disponível em: <<http://books.google.com.br>>. Acesso em 24/06/2012

NETO, Jocildo Figueiredo Correia. **Excel para Profissionais de Finanças**. 5ª Reimpressão. Rio de Janeiro, Elsevier: 2007. Disponível em: <<http://books.google.com.br>>. Acesso em: 17/08/2011.

NEVES, José Luiz. **Pesquisa Qualitativa: Características, Usos e Possibilidades**. Mestrando do curso de pós-graduação em Administração de Empresas. FEA – Usp 1996. Disponível em: <www.ead.fea.usp.br>. Acesso em 20/08/2011.

OCB-ES, 2007. **A Casa do Cooperativismo no Espírito Santo**. Vitória/ES. Disponível em: <<http://www.ocbes.coop.br>>. Acesso em 25/08/2011.

OCB-GO, 2009. **Sindicato e Organização das Cooperativas Brasileiras no Estado de Goiás**. Goiânia/GO. Disponível em: <<http://www.ocbgo.org.br>>. Acesso em 25/08/2011.

RIBEIRO, Magno Alves (Coor.). **Manual para elaboração do conhecimento científico: do planejamento aos textos, da escola à academia**. Tangará da Serra/MT. Unemat, 2006.